

Leitura e Escrita na Educação Infantil

Trilha 3

Brincar todo dia



Trilha 3

Brincar todo dia

Ficha Técnica

Desenvolvimento e Soluções:

Gerência: Sonia Dias

Coordenação de Soluções Educacionais: Cláudia Nascimento

Implementação:

Gerência: Cláudia Sintoni

Coordenação de Educação Infantil: Juliana Yade

Elaboração de conteúdo:

Alessandra Ancona de Faria

Edi Fonseca

Natália Leonel

Coordenação técnica:

Renata Frauendorf

Coordenação-geral:

Silvia Carvalho

Desenvolvimento técnico:

Instituto Avisa Lá – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T828 Trilha 3 [livro eletrônico] : Brincar todo dia / elaboração de conteúdo
Alessandra Ancona de Faria, Edi Fonseca, Natália Leonel. – 1.
ed. – São Paulo, SP: Instituto Avisa Lá, 2024.
il. color. – (Trilhas de apoio ao Programa Leitura e Escrita na
Educação Infantil; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-69384-13-7

1. Leitura e escrita – Educação infantil. 2. Formação de
professores. 3. Infâncias – práticas pedagógicas. I. Faria, Alessandra
Ancona de. II. Fonseca, Edi. III. Leonel, Natália.

CDD 372.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Trilha 3

Brincar todo dia



Duração da proposta: 45 minutos



Por que as brincadeiras cantadas são importantes para as crianças?



Parece que na atualidade não há espaço para essas brincadeiras tradicionais. O que podemos fazer para que elas não sejam esquecidas?





Acho que a música tradicional da infância é a melhor forma de educação da sensibilidade. E ela deveria se iniciar nos braços da mãe, com uma canção de ninar. É neste momento que a criança ouve as primeiras palavras da língua e se inicia na língua mãe e na língua-mãe musical, através da cantiga. Assim é em todas as culturas do mundo. É inestimável o valor do exercício espontâneo da música na infância, uma música onde a palavra, a cantiga, o movimento e o outro se interligam na alegria do brincar.

Lydia Hortélio

À leitora e ao leitor

Querida formadora, querido formador: a trilha a seguir tem como objetivo oferecer espaço para boas trocas, reflexões e sistematizações sobre a relevância das brincadeiras cantadas tradicionais na rotina da Educação Infantil e sobre as experiências que promovem às crianças.

No universo da cultura popular de tradição oral residem as brincadeiras cantadas, parlendas, trovinhas, cantigas de roda, joguetes, trava-línguas e demais textos de tradição oral que apoiam as brincadeiras das crianças nas ruas, nos parques e na escola.

A proposta é trazer à tona o papel da escola como propagadora de brincadeiras tradicionais. No passado, essas brincadeiras aconteciam sobretudo nas ruas, em contextos mais livres e espontâneos, sendo transmitidas de criança a criança. Atualmente, observamos uma diminuição dessas trocas, quer seja porque as crianças frequentam muito menos os espaços abertos, quer seja porque outras formas de entretenimento têm se feito bastante presentes entre as crianças, tais como os jogos eletrônicos, os celulares, *tablets* etc.



As brincadeiras cantadas, no entanto, têm papel importante no desenvolvimento infantil, além de fazerem parte de nosso repertório cultural, da cultura nacional. Portanto, se as crianças não brincam na rua, é na escola que isso precisa acontecer. E tem acontecido pouco. Há que se planejar a brincadeira de forma intencional, garantindo os tempos e os espaços para que brinquem. Esse será o foco que contribuirá para o estudo do vídeo apresentado na trilha.

Que tal iniciar a conversa perguntando às professoras e aos professores: “Vocês brincavam de ciranda, corre cutia, bater corda com cantigas e outras brincadeiras cantadas? Como aprenderam a brincar? Onde brincavam? Essas brincadeiras aconteciam na escola ou em outros espaços?” A partir das respostas, será possível refletirem juntos sobre o papel da escola na propagação das brincadeiras tradicionais, um importante legado cultural para as infâncias.

Em seguida, convide o grupo a participar de uma brincadeira tradicional cantada que alguém conhece da infância. Sugerimos que você tenha também uma brincadeira preparada para propor, caso não se recordem ou não se disponibilizem a socializar.



De modo a fazer parte da oficina 3, " A literatura oral", do encontro 8, indicado no *Caderno de orientação para formadoras – LEEI*, sugerimos a utilização do vídeo [Brincar todo dia](#), da coleção de vídeos "*Brincar, Ler e Escrever*", que se encontra na Tecnologia Educativa Experiências Formativas em Cultura Escrita com Crianças de 4 a 6 Anos (TEEFCE), do Programa Melhoria da Educação Itaú Social e Instituto Avisa Lá.





Possíveis passos para a trilha

 Objetivos.....	10
 Vídeo.....	10
 Tematização da prática.....	13
 Atividade em grupo.....	15
 Para ampliar a discussão.....	18
 De formadora e formador para formadora e formador.....	22
 Inclusão.....	23
 Temática racial.....	26
 Dicas de leitura.....	28
 Encaminhamentos da prática.....	30
 Referências	32



Objetivos

- Compreender a importância da cultura popular como fonte de conhecimento.
- Ampliar o repertório de brincadeiras cantadas, compartilhando o acervo individual e construindo um repertório coletivo.
- Promover a leitura e a escrita em contextos literários.

Vídeo

Vídeo: [Brincar todo dia – Módulo “Brincar, ler e escrever” da TEEFCE](#)



Duração: 5'58"



Disponível em: <https://vimeo.com/1038786693/19381b3334>



CENA 1

Início a 0'55"

A primeira parte do vídeo mostra a professora apresentando uma caixa de brincadeiras, que funciona do seguinte modo: uma caixa de papelão é encapada e em alguns de seus lados são coladas ilustrações referentes à cultura popular e/ou a letra de uma brincadeira cantada. As imagens selecionadas representam ou sugerem uma brincadeira, e a partir delas as crianças podem criar jeitos de brincar. A caixa serve como um dado. Ela é lançada para o alto e, ao cair no chão, a face que fica voltada para cima, determina a brincadeira a ser realizada. Na trilha 1, as professoras e os professores já puderam se aproximar dessa proposta da caixa de brincadeiras.



CENA 2

0'56" a 04'20"

Na sequência, há cenas com as crianças usando a caixa para determinar as brincadeiras que acontecem na área externa ou em espaços internos amplos. A professora propõe várias brincadeiras com as crianças para ampliar o repertório do grupo. É importante ressaltar a oferta de espaços que permitem movimento, gestos e a expressão corporal, muito

importantes no desenvolvimento das brincadeiras cantadas. Vale destacar o uso do espaço externo como possibilidade de realização das brincadeiras, favorecendo desse modo a realização de propostas fora da sala. Sabemos que nem sempre a escola tem um espaço externo, no entanto, em alguns casos há na comunidade algum parque, praça, cuja utilização seria muito interessante sugerir.



CENA 3

04'21" a 04'54"

Nesta parte, a professora convida as crianças a pesquisarem novas brincadeiras com outras pessoas – familiares, funcionários da escola e, assim, preencherem os lados da caixa que estão em branco.



CENA 4

04'55" ao final

No final do vídeo, temos os comentários das professoras sobre o uso da caixa, que possibilita a autonomia das crianças. As imagens coladas servem como repertório imagético, que representam ou sugerem brincadeiras.



Tematização da prática

Vamos abordar alguns pontos importantes para a tematização da prática. O primeiro diz respeito à necessidade de a professora ou o professor se **planejar**, seja pesquisando brincadeiras para ensinar para as crianças, seja escolhendo com cuidado as imagens que poderiam adornar a caixa de brincadeiras, observando que tudo o que escolhe mostrar para as crianças pode significar uma ampliação de repertório, uma aproximação com a cultura. Esse é o papel da escola. E nem sempre assumimos esse lugar. Não é à toa que a professora elegeu uma gravura de J. Borges (1935-2024) para enfeitar um dos lados da caixa. Ele é uma referência importante na arte popular brasileira.

Outro aspecto que merece ser ressaltado diz respeito à proposta da caixa de brincadeiras trazer lados sem imagem. Esse jeito de organizá-la inclui a participação das crianças e abre espaço para a realização de uma pesquisa no futuro. O lado sem imagens coloca para as crianças a necessidade de fazer a **pesquisa**, porque elas irão brincar com a caixa e precisarão completá-la. Dessa forma, a professora cria um problema para ser resolvido pelo grupo, ou seja, a ideia é que se tenha uma razão muito evidente para pesquisar novas brincadeiras.

Por fim, nesse tipo de proposta, a professora e o professor contribui para a ampliação do repertório de brincadeiras, além de ensinar as crianças a valorizarem outra fonte de conhecimento, a fonte oral, advinda da memória das pessoas. Importante que elas compreendam que não aprendemos só nos livros, mas com outras pessoas, suas experiências e conhecimentos. E, assim, também podemos olhar para as pessoas que fazem parte de nosso cotidiano de outra maneira, valorizando o que sabem.





Atividade em grupo



Duração: 30'

As questões a seguir podem promover uma boa conversa, com exemplos de boas práticas, ideias e reflexões. Você pode propor que os grupos discutam todas as questões ou que cada um deles receba apenas uma pergunta. Isso vai depender do tempo e do número de participantes. Após a conversa nos pequenos grupos, a sugestão é que seja feita uma socialização do que discutiram.

Como imaginam que a professora deve ter se **planejado** para realizar esta ação com as crianças?

Quais seriam seus **objetivos** com este momento?

Por que acham que ela optou por **organizar** uma caixa de brincadeiras nos moldes da apresentada? Quais são as possibilidades que esse objeto oferece?

O que acham que as crianças **aprenderam** com a situação vivida?



Dica para a formadora e o formador

- Quando desejamos colocar a atenção de quem participa da formação em um determinado aspecto, é fundamental, antes de assistir ao vídeo com o grupo, compartilhar as perguntas acima para que os participantes assistam às cenas tendo as questões como foco. Você também pode sugerir que façam breves anotações enquanto assistem ao vídeo.
- As questões levantadas para a tematização são sugestões. Fique à vontade para modificá-las ou substituí-las de acordo com o que considerar ser mais pertinente discutir com seu grupo. No entanto, considere que um critério importante para pensar a pergunta é que ela seja possível de ser respondida com o que é visto em cena, podendo ter como foco: a participação das crianças, ou a intervenção da professora ou do professor, ou o objeto de estudo – no caso, a importância das brincadeiras cantadas, da linguagem oral como fonte de acervo cultural de nosso país.



Dica para a formadora e o formador

- ➡ Também é importante salientar que, para montar a caixa, é preciso que as professoras e os professores tenham repertório de brincadeiras. Um levantamento entre o grupo da escola, observando as diferentes versões, pode ajudar a relembrar e a compartilhar as brincadeiras da infância de cada uma. Outro aspecto que precisa ser cuidado diz respeito à escolha de imagens para compor a caixa, evitando aquelas estereotipadas, procurando ampliar o repertório cultural das crianças. Uma pesquisa sobre artistas populares pode ser importante. Uma dica é criar um “banco de imagens” comum em um *drive*, por exemplo, com boas referências.

Para ampliar a discussão

Os brinquedos com música fazem parte da vida da criança desde muito cedo. Aos acalantos e brincos da mais tenra infância, de iniciativa materna, seguem-se as parlendas e cantilenas, onde os primeiros gestos da melódica infantil se insinuam a par com o elemento rítmico da palavra. E, aos poucos, vão chegando os brinquedos cantados, cuja ação dinâmica, com suas variadas qualidades de movimento, talha uma música de caráter e perfil diferenciados, até alcançar, mais tarde, as rodas de verso, verdadeiros ritos de passagem, em que o conteúdo poético, a atmosfera própria e a movimentação, mesmo guardando dimensões da infância, apontam, cada vez mais, a expressividade da nova etapa a ser vivida.

A música da cultura infantil é uma música com movimento, aliada à representação e a uma geometria no tempo. É uma música no corpo, próxima ao outro, com o outro, movida pura e simplesmente pela livre vontade de brincar. É a cidadania plena, por índole e direito, sensível, inteligente. Sua prática proporciona o exercício espontâneo da música em todas as suas dimensões, mesmo que de forma elementar, e se constitui, por si mesma, a base de uma educação do sensível e pressuposto fundamental da identidade cultural. A música tradicional da infância representa, em todas as culturas, a expressão mais sensível da alma de um povo. Assim é, pois, evidente, a necessidade de atentarmos para o cultivo da música da cultura infantil.

[...] Nesta tarefa de reconstrução, de busca de nossa alma ancestral, é a própria música da cultura infantil o instrumento mais precioso.

Através de sua prática estaremos restabelecendo o laço afetivo com a língua – a língua-mãe, aquela que os poetas populares ainda conhecem, e com a língua-mãe musical – a letra e a canção popular, começando pelos brinquedos cantados, tão carregados do encanto e dos mistérios da infância da raça, dos múltiplos arquétipos de nossa cultura. Estaremos favorecendo também, certamente, uma disposição fundamental para a beleza, o imaginário, o sonho...

Trechos do texto "Música da cultura infantil do Brasil", de Lydia Hortélio.



O brincar constitui essa ação da criança, e, além disso, na ação coletiva, as crianças criam ou reproduzem brincadeiras. Todos nós já brincamos de esconde-esconde, chicotinho queimado. E vemos que grande parte dessas brincadeiras existe em outras culturas, com outros nomes, ou aparece em gravuras antigas. Tais brincadeiras constituem o patrimônio da cultura infantil, transmitida oralmente através das gerações no ato do brincar.

Maria Cristina Soares de Gouvêa, Caderno 2, p. 97

Para ampliar a discussão

[...] Podemos pensar as realizações culturais como produção de vida na convivência. Assim, é possível deslocar a ideia de “mercadoria a ser exibida” para a ideia de “produção de existência a ser empreendida de modo compartilhado”, como ação conjunta no tempo. Para tanto, é importante compreender a formação cultural como processo histórico de encontros com saberes e fazeres que nos signifiquem no coletivo.

Nessa concepção, educar não é transmitir às novas gerações apenas a experiência cultural constituída ao longo de um percurso histórico, mas também as chaves que permitam promover sua renovação pela transformação do já conhecido. É impossível “passar” a experiência cultural, pois diz respeito à vida, e, assim, sua transmissão só pode se dar no viver.

Sandra Richter, Caderno 1, p. 20



Para ampliar a discussão

O avanço das crianças nos seus processos de aprendizagem depende muito da compreensão e do respeito por seus modos próprios de brincar e ler o mundo, pelo jeito como falam, representam, estabelecem relações e criam sentidos para o mundo. Conhecendo os saberes das crianças – suas histórias, experiências, desejos, brincadeiras –, as professoras podem se sentir mais preparadas e legitimadas para selecionar materiais e planejar situações e atividades mais vivas, dinâmicas, interessantes, nas quais as crianças participem ativamente e aprendam de maneira significativa.

Cecilia Goulart, Adriana Santos da Mata, Caderno 3, p. 46





De formadora e formador para formadora e formador



Aspectos importantes a serem considerados neste encontro:

- ➡ As brincadeiras cantadas tradicionais como bagagem cultural.
- ➡ A necessidade de promover muitas situações nas áreas externas com as crianças na Educação Infantil.
- ➡ As brincadeiras cantadas e o desenvolvimento da linguagem oral, da imaginação, do movimento, dos gestos e do corpo.
- ➡ A intencionalidade educativa e o planejamento para a ampliação de repertório e a garantia de tempos na rotina para as brincadeiras cantadas.



Inclusão

As brincadeiras cantadas são importantes para **todas as crianças sem exceção**. Por isso é necessário garantir que todas participem, respeitando suas escolhas e suas vontades.

Brincar aproxima. Aprender e ensinar cantigas, cirandas, brincos, quadrinhas possibilita a interação, a criação de vínculos, a troca e a ampliação do universo cultural. Por isso promover momentos na rotina para as brincadeiras tradicionais pode ser boa oportunidade para favorecer a participação de crianças imigrantes, por exemplo, que falam outra língua e paulatinamente precisam se apropriar do novo idioma.

No caso das crianças com deficiência, o encaminhamento deve ser o mesmo que se tem com todas: perguntar se querem participar da brincadeira, conhecer/observar as habilidades e os limites de cada uma, encontrar formas para apoiar quem tem dificuldade ou impossibilidade de realizar determinada ação e convidar o grupo para que juntos – professora e crianças – pensem em propostas que garantam a todas o direito de brincar com segurança, alegria e envolvimento.



Inclusão

O mito do preparo

Raquel Paganelli

A ideia de que a escola precisa, antes, estar pronta para depois receber os alunos com deficiência é baseada em uma expectativa ilusória de um saber pronto, capaz de prescrever como trabalhar com cada criança. Vygotsky enfatiza que a condição humana não é dada pela natureza, mas construída ao longo de um processo histórico-cultural, pautado nas interações sociais realizadas entre o homem e o meio. Ou seja, o preparo do professor no contexto da educação inclusiva é o resultado da vivência e da interação cotidiana com cada um dos educandos, com e sem deficiência, a partir de uma prática pedagógica dinâmica que reconhece e valoriza as diferenças. Não há especialização capaz de antever o que somente no dia a dia poderá ser revelado.

Além disso, a insegurança expressa no argumento da falta de preparo revela, muitas vezes, a fragilidade da escola em lidar com a diferença. Por trás do discurso aparentemente “responsável” de que as escolas não estão prontas para receber determinados alunos por serem incapazes de suprir suas necessidades, de lidar com as suas dificuldades e de oferecer recursos ou pessoal adequados está, muitas vezes, a noção de que alguns estudantes não são ou não estão aptos a frequentá-las devido a suas condições, o que remete à lógica da integração.



Para saber mais

Acesse a página do [Projeto Diversa](#) para ler, na íntegra, o artigo “Qual é o preparo necessário para incluir um estudante com deficiência?” e aprofundar conhecimentos em Educação Inclusiva.



Experiências com o corpo: cuidados, brincadeiras, movimento expressivo e a música

O trabalho com o corpo, o movimento e a brincadeira merecem atenção especial, porque é no corpo que o racismo ganha concretude e visibilidade na Educação Infantil, como constataram Oliveira e Abramowicz em sua obra *O que as práticas educativas na creche podem nos revelar sobre a questão racial?*, de 2009.

Nas brincadeiras na Educação Infantil, esse racismo aparece quando as crianças negras são as empregadas domésticas, quando as crianças brancas temem ou não gostam de dar as mãos para as negras etc. O racismo aparece na Educação Infantil na faixa etária entre 0 e 2 anos, quando os bebês negros são menos “paparicados” pelas professoras do que os bebês brancos. Ou seja, o racismo, na primeira infância, incide diretamente sobre o corpo, na maneira pela qual ele é construído, acariciado ou repugnado (Oliveira; Abramowicz, 1985, p. 221-222).

Propomos que a professora e o professor de Educação Infantil, ao contrário do que foi encontrado na pesquisa apresentada, adote uma atitude de observação cuidadosa e interessada de cada criança.

Além disso, ao utilizar seu corpo de modo expressivo, em cada gesto, no modo de olhar, sorrir, abraçar, pegar no colo, ele também constitui um modelo para as crianças, e por isso deve estar atento à intenção comunicativa e à qualidade de seus movimentos na interação com elas. É fundamental desenvolver atitudes que favoreçam o processo de desenvolvimento infantil, reconhecendo e validando os avanços e as conquistas de cada criança, estimulando a interação entre pares e crianças de diferentes faixas etárias. A tomada de consciência do próprio corpo pela criança, sua capacidade de perceber cada parte sem perder a noção de unidade, de conhecer e reconhecer a sua imagem como parte da construção de uma identidade positiva requer um trabalho específico.

Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial

[Disponível na íntegra aqui.](#)





Dicas de leitura



Quem quer brincar comigo?

Autor: Tino Freitas

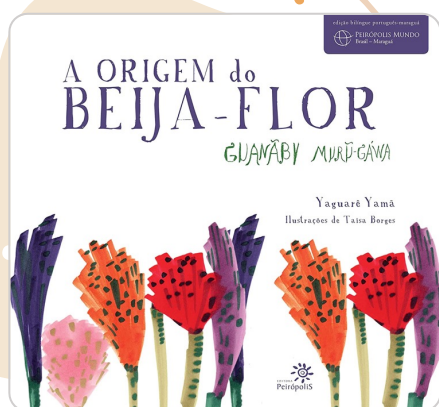
Ilustradora: Ivan Zigg

Editora Abacatte

A menina tenta ler um livro, mas toda vez que inicia a leitura a campainha toca e um amigo aparece. O livro tem páginas que se desdobram e revelam as ilustrações engraçadas; o texto é rimado e divertido.



Dicas de leitura



A origem do beija-flor

Autor: Yaguarê Yamã

Ilustradora: Taísa Borges

Editora Peirópolis

O livro conta o mito da origem do beija-flor, pertencente ao povo maraguá, que vive no vale do rio Abacaxis, no Amazonas. A obra é apresentada em português e em maraguá, dialeto misto de aruak com nhengatu.

O áudio com a história na voz do autor em sua língua original pode ser ouvido no [site da editora](#).

Caso não tenha os títulos indicados, você poderá escolher outra obra. No material do LEEI há várias indicações que contemplam a qualidade estética e textual dos livros.



Encaminhamentos da prática

Que tal solicitar que as professoras façam uma coletânea de brincadeiras cantadas tradicionais para alimentar os momentos de brincar do grupo? Para isso, é preciso planejar as etapas:

- ➡ Levantamento das brincadeiras cantadas conhecidas pelas crianças.
- ➡ Brincar com as brincadeiras conhecidas.
- ➡ Produzir a caixa com as brincadeiras preferidas, deixando alguns lados sem imagem.
- ➡ Fazer pesquisas com funcionários e famílias para conhecerem novas brincadeiras e complementarem a caixa.

A proposta é que as professoras e os professores fotografem a caixa e escrevam um breve relato contando como ela foi produzida, para trocar com as colegas no próximo encontro:

- ➡ Teve a participação das crianças?
- ➡ Foram coladas imagens? Quais?
- ➡ Como foram selecionadas?

- ➡ De que forma as reflexões presentes no vídeo e no desenvolvimento da trilha contribuíram para esse processo?
- ➡ Em algumas faces da caixa optaram por colocar a letra da cantiga da brincadeira, além das imagens?
- ➡ Como foi a participação das crianças na produção e no uso da caixa?
- ➡ O que você faria diferente em uma próxima vez?





Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Leitura e Escrita na Educação Infantil: caderno de orientação para formadoras – LEEI/Brasil*. Brasília: Ed. dos Autores, 2024 (coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil).

GOULART, Cecília; MATA, Adriana Santos da. Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e inter-relações. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, *Linguagem oral e linguagem escrita na Educação Infantil: práticas e interações*. 3. ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Desenvolvimento cultural da criança. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, *Ser criança na Educação Infantil: infância e linguagem*. 2. ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

HORTÉLIO, Lydia. *Mapa do Brincar*. Disponível em:

<<https://mapadobrincar.folha.com.br/mestres/lydiahortelio>>. Acesso em: 13.12.2024.





Referências

HORTÉLIO, Lydia. *Música da cultura infantil no Brasil*. São Paulo: Casa Amarela, 2006.

PAGANELLI, Raquel. *Qual é o preparo necessário para incluir um estudante com deficiência?* DIVERSA. Disponível em:

<<https://diversa.org.br/artigos/qual-e-o-preparo-necessario-para-incluir-um-estudante-com-deficiencia/>>. Acesso em 09.01.2025.

RICHTER, Sandra. Docência e Formação cultural. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, *Ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender*. 1. ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

SILVA, J. (coord.); BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de. *Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial São Paulo*. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) – Instituto Avisa lá – Formação Continuada de Educadores, 2012.





Escola

